





**Resumo:** Neste trabalho, traçamos uma narrativa sobre a introdução do pensamento de Bakhtin no Brasil. Para tanto, realizamos um pesquisa bibliográfica e exploratória. Observamos que a obra do pensador ficara um longo período desconhecida, sendo mais amplamente difundida a partir de 1960. Ainda assim, no contexto brasileiro, a ditadura militar foi a principal força que silenciou os estudos de Bakhtin. Isso, porém, não o tornou de todo esquecido: por meio, sobretudo, de seus artigos na imprensa e de suas aulas ministradas na Pós-Graduação, Boris Schnaiderman foi um dos principais estudiosos que, durante esse período, difundiu os estudos de Bakhtin.

**Palavras-chave:** Bakhtin. Brasil. Boris Schnaiderman.

\\.\BQ#^, //.#.W\_±# //\_+W-H\_± \_+^WQ\_± //\_+BQW-↓: /+W\_>L: /+WQ^↓, .I.W\_± .I.WQ\_±. #.WQ\_±:#.WQ\_±< \_+^I.WQ\_±-± //\_+^WQ\_±. .I.W\_± //..WQ\_±: ^ \_+^I.WQ\_±-± /+W\_>L: //\_+^WQ\_±< <B\_±T: .I.WQ\_±, //I.WQ\_± <I.WQ\_± //..WQ\_±-L: 1960, //...WQ\_±+. /+WQ^↓, //\_+BQW-↓: /+W\_>L:/+WQ\_±:#. /+WQ\_± /+W-H-→ //..WQ\_±-L. //I.WQ\_± /+W\_>L: \_+^I.WQ\_±-± I.WQ\_±: \\.\BQ#^> //<I.WQ\_±# \.\BQ\_±:#.WQ\_± \.\BQ\_±→ /+<I.WQ\_±. <I.WQ\_±:#.WQ\_±...<I.WQ\_±:#.WQ\_± /+W-H\_± \_+^I.WQ\_±-± //...WQ\_±+ //\_+BQW-↓: /+W\_>L: //\_+^WQ\_±< \_+^WQ\_±:#.WQ\_±.

<I.WQ\_± //<I.WQ\_±#<sup>13↓</sup>: /+W\_>L: /+WQ^↓. /+<I.WQ\_±. <I.WQ\_±:#.WQ\_±...<I.WQ\_±:#.WQ\_±.

**Abstract:** In this paper, we trace a narrative on the introduction of the thought of Bakhtin in Brazil. To this end, we conducted a bibliographical and exploratory research. We note that this thinker's work had been unknown for a long period, being more widely diffused from the 1960 decade. Still, in the Brazilian context, the military dictatorship was the primary force that silenced the Bakhtin studies. That, however, didn't make him at all forgotten: particularly through his articles in periodicals and his lectures in postgraduate courses, Boris Schnaiderman was one of the leading scholars who, during this period, spread the studies of Bakhtin.

**Keywords:** Bakhtin. Brazil. Boris Schnaiderman.

A primeira leitura, lembro-me, foi tão deslumbrada que passou algum tempo antes que eu pudesse começar a fazer um balanço e comparar o que o livro trazia de novo e surpreendente, com a minha própria bagagem crítica, na medida de minhas forças (Boris Schnaiderman, sobre livro de Bakhtin)





## 1. INTRODUÇÃO

Como afirma Faraco (2001), os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin são difíceis, mas também são um barato. Difíceis porque entram em conflito com as verdades opressoras que se dizem únicas e colocam no horizonte das possibilidades a multiplicidades de vozes, de verdades, de dizeres. Trazem maneiras distintas de entender a vida em relação àquelas que tradicionalmente conhecemos. De maneira mais específica, os estudos bakhtinianos afastam-se “radicalmente dos paradigmas hegemônicos no mundo acadêmico que estudam as realidades humanas”, como afirma Faraco (2001, p. 113).

Assim adentrando os contextos acadêmicos, os estudos bakhtinianos não deixam de ser um barato. São um barato porque oferecem respostas às questões filosóficas que o ser humano faz em relação à sua própria vida. Também podem dizer muito das relações sociais cotidianas e oficiais nos mais diversos campos das atividades humanas e dos fenômenos constitutivos das Ciências Humanas. Os pressupostos teóricos e metodológicos construídos por Bakhtin e seu Círculo oferecem, antes de tudo, “uma abordagem mais globalizante das realidades humanas e não apenas teorias e modelos formais de fragmentos de coisas” (FARACO, 2001, p. 117). Por isso, uma vasta quantidade de trabalhos que se ocupam do pensamento bakhtiniano para traçar suas compreensões.

Na visão de Bubnova (2016, p. 124), Bakhtin alterou profundamente os mais variados campos das ciências humanas, com êxito especialmente na América Latina, sendo, inclusive, impossível realizar uma pesquisa que indique a variedade de domínios nos quais Bakhtin vem sendo solicitado. Tendo isso em vista, compartilhamos com a pesquisadora a necessidade em nos preocuparmos não apenas com o que diz o Círculo de Bakhtin, mas o que dele se diz, de tal forma que “importa o que lemos de Bakhtin, quanto o que lemos sobre Bakhtin”.

Partindo disso, traçarmos, ao longo deste trabalho, uma história possível da introdução dos estudos bakhtinianos no Brasil. Para isso,





discutimos inicialmente dimensões da biografia de Bakhtin, cotejando-a com conceitos por ele elaborado. Em seguida, abordamos aspectos da recepção de Bakhtin no ocidente até chegarmos a introdução de suas ideias no contexto brasileiro.

## **2. DIALÓGICA POR NATUREZA: ASPECTOS DA VIDA DE M. BAKHTIN**

Retomando o título de um epílogo escrito por Augusto Ponzio (2010), podemos considerar que a vida de Bakhtin foi uma “venturosa Babel”. Bakhtin parece ter escutado as vozes que compõem a sinfonia das vivências plurais, da heteroglossia da vida cotidiana e também oficial, de tal modo que não é difícil considerarmos o fato de sua obra ser muito mais a assinatura, seu ato responsável, de sua visão de mundo, do que um conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos “vazios”, abstratos e descolados de sua posição axiológica no mundo.

Ele não apenas formulou teses sobre dialogismo, polifonia, carnavalização ou quaisquer outros conceitos, mas os viveu em meio à multiplicidade de vozes, lugares, culturas, que foram terrenos favoráveis para o desenvolvimento de sua perspectiva teórica. Seus escritos podem ser entendidos como uma resposta possível (outras respostas poderiam ser construídas) a essa heterogeneidade constitutiva.

Essa heteroglossia, venturosa e virtuosa e não uma maldição babélica, pode ter sido, portanto, condição determinante na construção do pensamento de Bakhtin. Para refletirmos sobre isso, vamos apresentar aspectos da vida desse pensador que sugerem a presença de multiplicidades em suas vivências. Delimitamos a leitura a questões familiares, financeiras, educacionais e culturais, no sentido de explorar dimensões de sua biografia. Entendemos que a relação entre os sujeitos com quem conviveu, entre locais que morou, entre culturas foram significativas em sua formação. Não se trata de estar em um ou outro lugar, conhecer este ou aquele sujeito, por





exemplo, mas de estar entre eles, em contato, em diálogo, em intercomunicação com situações e pessoas.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em 1895, na cidade russa chamada Oriol, (distante cerca de 350 quilômetros de Moscou), onde morou aproximadamente até seus nove anos de idade. Morou em muitos lugares, muitos deles na própria Rússia, mas nem todos. Viveu em Vilno (na Lituânia), Odessa (na Ucrânia), São Petersburgo, Nevel, Vitebsk, Leningrado, Kustanai (no Casaquistão), Saransk, Savelovo, Grivno, Peredelkino e Moscou.

Ainda muito jovem, Bakhtin teve contato com várias culturas, costumes e pessoas. Quando tinha nove anos de idade, sua família mudou-se para Vilno, uma cidade que, conforme pesquisa do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGE, 2010, p. 59), possuía arquitetura diversificada, uma pluralidade de idiomas e de grupos sociais, pois era um local que estivera sob domínio de vários países nos seus últimos cem anos. Toda essa pluralidade parece ter sido fundamental para escuta da heteroglossia da vida, conforme estudos do GEGE:

Essa heteroglossia, essa mistura de línguas, e também de raças, de religiões, de costumes era mais tarde, para Bakhtin, a condição ideal para que não se desse a hegemonia de uma qualquer linguagem como única, de modo que a eterna revolução linguística e intelectual estaria garantida, quebrando qualquer chance de ossificação e estagnação do pensamento (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2010, p. 59).

Isso não quer dizer que sua história foi linear, monológica em relação aos suas vivências, procurando experiências apenas no nível do cotidiano, no popular, na carnavalização ou em outros fenômenos que foram objetos de estudos centrais para Círculo de Bakhtin. Diferentes vozes, perspectivas, crenças, valores se encontram em um único lugar, sem se fundirem. No âmbito das práticas sociais, coexistem outras práticas distintas e diferentes, mesmo que com evidência e força desiguais. Bakhtin e seu irmão Nikolai, por exemplo, frequentavam “grupos e escolas dos dominantes russos, que





falavam a língua oficial russa”, enquanto moravam em Vilno, uma cidade com um rica cultura popular (GEGe, 2010, p. 59).

Também no âmbito familiar, Bakhtin teve contato com a dialogia da vida. Sua família era “grande”, conforme menciona Duvakin (2008, p.27) em conversa com o pensador russo. Bakhtin teve um irmão (Nikolai) e quatro irmãs (sendo uma delas filha adotiva de seus pais). Na conversa com Duvakin, Bakhtin observa, porém, que, na sua casa, viviam não apenas seus pais e irmãos. Em especial, viviam ali um irmão do seu avó, que morreu precocemente, mais “seus filhos, três filhas e um filho” porque seu avó foi nomeado, então, com a morte do irmão, o tutor de todos eles e, depois, sua avó tornou-se a tutora. Viviam, na casa, parentes de segundo grau de Bakhtin, mas todos “bem próximos” (BAKHTIN & DUVAKIN, 2008, p. 27)

Bakhtin explica que todos esses parentes viviam com seus “próprios meios” devido a uma herança, uma “posse bem grande”, deixada pelo avô. Além de abrigar diferentes sujeitos, a casa acolhia também diferentes situações econômicas de seus moradores: “nós estávamos falidos, mas os nossos parentes eram muito ricos”, afirma Bakhtin, em seu diálogo com Duvakin (*loc. cit*). Considerando ainda o diálogo entre o pensador e o estudioso em literatura da Universidade de Moscou, Viktor Duvakin, podemos afirmar que a casa que abriga essa “situação alegre”, conforme expressão de Duvakin, parece ser aquela descrita logo no início da primeira conversa. Trata-se de uma ampla casa, com cerca de 30 quartos, incluindo outras peças, como os anexos.

O fato de residirem todos nesta mesma casa não quer dizer que viviam igualmente alegres uns com os outros, em relações mais horizontais e carnavalizadas. Muito pelo contrário. Conforme Clark & Holquist (1998, p. 43), a família de Bakhtin era convencional, de tal modo que “as relações entre pais e filhos eram formais, como seriam, durante toda a vida”. Esse fato, “curioso” na acepção dos autores, pode ser entendido como mais uma indicação do “caráter contraditório”, múltiplo, da vida de Bakhtin, conforme sugerem os pesquisadores que realizaram uma detalhada biografia do pensador. Ainda que não fosse muito chegado à família, Bakhtin tinha grande afeto por seu irmão Nikolai. Apesar de inúmeros conflitos, os





irmãos procuraram definir e responder, juntos, a uma série de questões que, para eles, eram importantes, algumas delas referentes a problemas científicos. Nikolai foi, entretanto, menos feliz do que Mikhail no desenvolvimento de suas ideias e na produção de textos escritos, considerando valores e práticas sociais vigentes na época. Segundo Clark e Holquist (1998), seus cadernos de anotações estão repletos de esquemas grandiosos para pensar a natureza da linguagem.

Bakhtin estudou no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade Histórico-Filosófica da Universidade “Norossiski”, em Odessa, terminando seus estudos na Universidade de São Petersburgo. Seus estudos, porém, nunca se limitavam aos clássicos: lia trabalhos de contemporâneos e, ao avaliar sua trajetória acadêmica, considerou-se muito mais filósofo, um pensador, do que um filólogo. Uma vez que o departamento de filosofia não se constituía sozinho em São Petersburgo, os estudos em filosofia só poderiam ser desenvolvidos no setor clássico, no âmbito histórico-filológico. Esse foi o caminho percorrido por Bakhtin, conforme expresso em conversa com Duvakin (2008).

É importante levarmos em conta que Bakhtin negou-se, ao longo de sua formação, a escutar apenas vozes enunciadas no contexto universitário. Fez parte de uma série de grupos de estudos e estudou por conta própria, fazendo leituras por sua iniciativa e vontade. O pensador entendeu como fundamental, em sua formação, os estudos que realizou por conta própria, como afirma categoricamente a Duvakin (2008):

Mas é preciso dizer: ainda que eu não pudesse reclamar nem do ginásio, nem da universidade, todavia, fundamentalmente eu me formei por conta própria. Tudo e sempre. Porque as instituições escolásticas, oficiais, não podem, na realidade, darem uma instrução que possa satisfazer plenamente. Quando uma pessoa limita-se a isso, então, em essência, torna-se... um funcionário do saber (BAKHTIN & DUVAKIN, 2008, p. 39).

Em seus estudos independentes, Bakhtin interessava-se, desde muito jovem, pelas leituras de filósofos e de obras literárias. Considerando-se um





“apaixonado” por filosofia e por literatura, o pensador já conhecia Dostoiévski com onze e doze anos, como explica a Duvakin (Ibid., p. 40).

Quanto às questões financeiras, cabe destacar que Bakhtin vivenciou diferentes situações econômicas em sua vida. Além de sua casa representar um signo da pluralidade também no que diz respeito a diferentes condições econômicas de seus membros, Bakhtin experienciou distintas relações com a realidade em função de diferentes situações financeiras que experienciou. Originalmente, sua família era muito rica e integrava a nobreza, mas, com o passar dos anos, foi entrando em decadência. Lembremos, por exemplo, do impacto das guerras sobre a vida de Bakhtin. Como percebem estudos do GEGe (2010), o período que Bakhtin viveu em São Petersburgo coincidiu com quase toda a Primeira Grande Guerra (1914-1919) e com as duas revoluções russas de 1917. Por convite de seu amigo Pumpianski, Bakhtin mudou-se, então, para Nevel em 1918, pois ali poderia ter acesso à comida e à dinheiro (BAKHTIN & DUVAKIN, 2008).

Buscando ainda melhores condições de vida, Bakhtin mudou-se para outras cidades. Vivendo a reconstrução do pós-guerra, em Saransk, Bakhtin ainda sentia os efeitos das más condições de vida, quando contava com a ajuda de amigos que levavam produtos e mantimentos básicos para sua sobrevivência, como descrito em uma das cartas que Bakhtin enviara a Vladimir Nikoláyevich “Que nos lo comunique con dos o tres días de anticipación [de su visita] y tráigannos mantequilla y azúcar” (TURBIN, 1997, p. 57).

Esses elementos biográficos da vida de Bakhtin parecem já suficientes para observarmos a dialogia de sua vida e sua resistência às mais diversas pressões e opressões. Como afirma Schnaiderman (1983, p. 12), é realmente “impressionante” que, em meio a “tantas dificuldades e sofrimentos sem conta, Bakhtin tenha sabido erguer um hino à alegria e à vida, em sua máxima riqueza e multiplicidade, que é a sua teoria do popular e carnavalesco, como fatos essenciais da cultura”.

Sua voz também soube ser contra-hegemônica quando da introdução de suas ideias no Ocidente. No encontro com outras vozes, outros sujeitos,





Bakhtin vou adentrando teimosamente sistemas oficiais, como discutimos nos dois próximos itens deste trabalho.

### **3. BAKHTIN NA RÚSSIA E NO OCIDENTE**

Mesmo na Rússia, o nome de Bakhtin ocupou um lugar marginal, senão desconhecido, na vida intelectual, durante várias décadas. Isso se deu, em grande medida, devido ao lugar contra-hegemônico em que esteve durante a maior parte de sua vida. Clark & Holquist (1998, p. 21) explicam que o pensador não possuía, por décadas, qualquer emprego em instituto ou universidade, exceto durante os anos de 1936 e 1937, quando ocupou um “posto acadêmico numa faculdade para a formação de professores na Mordóvia, longe os centrais intelectuais russo”. Também ficou em exílio político no Cazaquistão, na primeira metade da década de 1930 e, com todo o transcurso da Segunda Guerra Mundial, retirou-se em uma pequena cidade próxima a Moscou.

Durante todo esse tempo, Bakhtin escreveu, porém pouco foi publicado, conforme atestam Clark & Holquist (Ibid., p. 22), permanecendo desconhecido até por volta de 1930, aproximadamente. De acordo com a pesquisa feita esses estudiosos, Bakhtin colocara seu nome, em 1929 mais ou menos, em um único artigo de um “obscuro jornal provinciano”, sendo seus outros escritos editados com autoria de seus amigos. Nesse período, “a sorte de Bakhtin parecia estar mudando” devido ao livro que escrevera sobre Dostoiévski. Foi justamente a obra *Problemas da obra de Dostoiévski* que fez com que Bakhtin fosse mais conhecido academicamente, considera Ornellas (2010). A obra recebeu muitas críticas positivas, mas os debates foram impossibilitados e até proibidos pelo regime stanilista. Essa obra, sumida por um tempo, só reapareceu posteriormente, quando Bakhtin fora preso em Leningrado, afirmam Clark & Holquist (1998). Ao final da década de 1930, buscando retornar a atividade intelectual, Bakhtin escreveu sua tese sobre Rabelais, mas que demorou, um certo tempo, até ser aceita.





Depois disso tudo, Bakhtin voltou a renascer, para a vida acadêmica, próximo de ocorrer sua aposentadoria, quando estudiosos procuraram-no, muito interessados pela sua obra. Isso levou à publicação de alguns de seus escritos, com destaque para seus trabalhos sobre Dostoiévski e Rabelais. Em 1963, foi publicado, em russo, a segunda edição do livro sobre Dostoiévski, ou seja, trinta e quatro anos após a primeira edição. E, em 1965, é publicado seu livro em torno de Rabelais, deixando o nome de Mikhail Bakhtin em evidência (CLARK & HOLQUIST, 1998, p. 22). Foi na década de 60 que Bakhtin tornou-se conhecido em todo o mundo da cultura, afirma Schnaiderman (2005).

Neste trabalho de difusão do pensamento bakhtiniano, foi central também o empenho de amigos de Bakhtin que fizeram parte de seu Círculo mais recente, que não aquele dos anos de 1920. No prefácio do livro que traz as entrevistas entre Duvakin e Bakhtin, Ponzio (2008) afirma que vários estudiosos, como Bocharov, Averincev e Koanikov, contribuíram para divulgar a obra de Bakhtin, ao longo dos anos de 1960.

A partir desse período, começam sistematicamente a serem traduzidas obras do Círculo de Bakhtin, chegando, mais intensamente, o nome do Bakhtin no ocidente. Considerando as primeiras traduções das obras de Bakhtin tem-se as seguintes datas de publicações:

Em 1968, saem a tradução italiana do livro sobre Dostoiévski e a tradução inglesa do livro sobre Rabelais; em 1973, sai a tradução inglesa do livro sobre filosofia da linguagem; em 1976, saem a tradução alemã do livro sobre poética sociológica e a tradução inglesa do livro sobre Freud; em 1978, sai a tradução francesa dos textos sobre o romance; em 1984, a tradução francesa do material de arquivo (FARACO *et. al.*, 1988, p. 10 In ORNELLAS, 2010, *on-line*).

Isso não quer dizer, porém, que o pensamento bakhtiniano estava excluído do meio acadêmico no ocidente. Como afirmam Faraco *et al* (1988), nesta obra citada por Ornellas (2010), sabe-se que o nome de Bakhtin começou a ter notoriedade nos anos de 1950, com texto de Vladimir Seduro (*Dostoyevski in Russian Literary Criticism*) e, em 1967, com artigo de Julia Kristeva (*Bakhtin, le mot, le dialogue et le roman*).





Principalmente as traduções em contexto ocidental foram forças propulsoras para que o pensamento de Bakhtin chegasse ao Brasil, pois muitos dos estudiosos que desenvolveram e desenvolvem, com afinco e com divulgação, os estudos bakhtinianos no país conheceram-no por meio de uma ou mais dessas traduções. Este é caso de Boris Schnaiderman, que falamos mais adiante, e de outros estudiosos, como João Wanderley Geraldi.

Em entrevista (DIAS *et. al.*, 2011), Geraldi afirma que conheceu o pensamento do Círculo de Bakhtin enquanto cursava o mestrado, por meio de uma tradução em espanhol do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que encontrou, por acaso, em uma livraria em Campinas. Segundo o linguista, a obra saiu da Rússia através de uma tradução em 1945, na Inglaterra, graças ao irmão de Bakhtin, Nikolai. Contudo, a obra não teve muita repercussão até que a editora Alberto Corazon a traduziu para o espanhol. Foi por meio dessa tradução que Geraldi iniciou seus estudos bakhtinianos. Essas e outras histórias devem, em algum momento da história das ideias do Círculo de Bakhtin no Brasil, serem exploradas contadas e recontada por outros tantos sujeitos. É um sentido que pode encontrar seu tempo de renascimento. Daí, a necessidade de mais estudos para conhecermos parte do que compõe o alicerce do pensamento de Bakhtin no Brasil.

Participando da corrente da comunicação que tem em Boris Schnaiderman um dos primeiros divulgadores dos estudos de Bakhtin no Brasil, elencamos aspectos de sua história atrelado ao seu contato inicial com a perspectiva do Círculo de Bakhtin por meio de textos de autoria de M. Bakhtin.

#### **4. BORIS SCHNAIDERMAN E OS ESTUDOS BAKHTINIANOS**

Boris Schnaiderman é um dos principais precursores dos estudos bakhtinianos desenvolvidos no meio acadêmico brasileiro, motivo que tem lhe rendido uma série de homenagens em periódicos, eventos, jornais,





entre outros. O professor nasceu em Úman, na Ucrânia, em 1917, ano da revolução russa, e mudou-se, com a família, para Odessa, onde viveu até os oito anos de idade, quando veio para o Brasil. Faleceu em São Paulo, em 18 de maio de 2016. De 1960 até sua aposentadoria, em 1979, Schnaiderman foi professor de língua e literatura russa na Universidade de São Paulo (USP), que lhe concedeu o título de Professor Emérito. Também foi tradutor, ensaísta e escritor.

O professor tinha conhecimento do nome de Bakhtin, mas seu interesse sobre o pensamento do pensador russo intensificou-se no final da década de 1960 (SCHNAIDERMAN, 2005). O primeiro texto de Bakhtin que Boris Schnaiderman leu foi a tradução italiana de *Problemas da poética de Dostoiévski*, de 1968. Lembrando de suas impressões dessa leitura, o professor relata (2005, p. 15), que “simplesmente ficou fascinado” e começou a utilizá-lo “intensamente” nas aulas sobre Dostoiévski que ministrava na Pós-Graduação. Também afirma (1983) que o impacto da obra foi tamanho que tornou-se complicado para ele cotejá-la, de maneira mais aprofundada, com as leituras que já tinha feito.

Dentre as primeiras repercussões do pensamento bakhtiniano em Schnaiderman estão, além de suas aulas, a divulgação que passou a fazer, a partir de 1971, do pensamento bakhtiniano na imprensa e a publicação de dois livros – *Dostoiévski prosa e poesia* (resultado de sua tese de livre docência, apresentada em 1974, mas só publicada em 1982) e *Turbilhão e semente – Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin* (1983). Podemos afirmar que, com isso, o pesquisador contribuiu para divulgar os estudos bakhtinianos, de forma mais abrangente, portanto, e para outras instâncias que não apenas a acadêmica. O alcance e as implicações desses escritos ainda não o sabemos em pormenores. O importante aqui é considerarmos que, com essas práticas, o professor dá continuidade a introdução do pensamento de Bakhtin no contexto brasileiro.

E como se deu a recepção, no Brasil, dos estudos de Bakhtin no que se refere ao acesso às suas obras? O poder oficial, com suas ações hegemônicas, tentou barrá-los de toda e qualquer forma. É preciso narrarmos aspectos dessa história não por parecerem informações complementares dos





acontecimentos, mas porque nos dão a dimensão da força monológica e opressora frente a um dizer essencialmente dialógico e democrático. Essa história diz respeito muito menos a precariedade do meio editorial e suas dificuldades financeiros do que o período da ditadura militar que aqui estava ocorrendo quando da difusão dos estudos bakhtinianos no mundo.

Para Boris Schnaiderman (2005, p. 14-15), o “sufoco” que viviam, a partir dos anos de 1964, era tamanho que tinham uma dificuldade muito grande em se saber o que havia de relevante no mundo. Além disso, comenta que era praticamente “impossível” encontrar obras do Círculo de Bakhtin no país. Tanto é assim que o pesquisador afirma que, na ocasião de sua viagem à Rússia em 1965, nem procurou conseguir obras de Bakhtin, cujo nome era, para ele, apenas “uma referência vaga no meio de muitos outros nomes”.

O pesquisador brasileiro considera que (*loc.cit.*), em função da ditadura militar brasileira, as livrarias especializadas em livros em russos tiveram seus livros recolhidos para um “exame”, o que configurava uma “verdadeira operação militar que acabaria em incineração pura e simples”. Isso, na visão desse mesmo pesquisador, já era, por si mesmo, a concretização do que o Círculo de Bakhtin discutia em seus escritos: “a linguagem autoritária reduz tudo a uma única voz, sufocando a variedade e a riqueza que existem na comunicação humana”. A força dessa voz opressora permanecia silenciando obras do Círculo de Bakhtin, mesmo após ter passado esse momento mais incisivo e bruto da ditadura militar. Boris lembra que, após esse primeiro momento da ditadura, os livros russos continuavam chegando, mas muitos eram devolvidos ao remetente por serem considerados “subversivos”, até mesmo obras clássicas.

Mesmo com toda esse frente para barrar a entrada do pensamento de Bakhtin, os estudos bakhtinianos foram se achegando cada mais no Brasil, de modo que precisamos ainda conhecê-la mais em seus capítulos pós ditadura militar até os tempos atuais, que abrigam uma ampla e, cada vez mais insistente, necessidade de se conhecer as ideias do Círculo de Bakhtin e o que se diz desse grupo de intelectuais. Encontramos, inclusive, publicações que, reconhecendo a importância desses estudos para os tempos





contemporâneos, assumem a posição de contribuir com a democratização e difusão dos estudos do Círculo de Bakhtin.

Por fim, ao irmos construindo um acabamento às reflexões neste trabalho, retomamos, a seguir, uma parte da história da introdução dos estudos bakhtinianos que se refere ao breve encontro que Boris Schnaiderman teve com Bakhtin, mas que é pouco conhecido entre nossas pesquisas que versam, de algum modo, sobre a divulgação do pensamento bakhtiniano. Esse encontro está contado em um trecho de *Turbilhão e Semente* (1983, p. 08-12), pelo próprio Boris, que o faz poeticamente, em muitos momentos.

O professor encontrou-o em sua viagem à Rússia, em 1972, quando já trabalhava, textos de Bakhtin em disciplinas na Pós-graduação. Ainda assim, afirma que, naquele período, não sabia muitas coisas de Bakhtin no que diz respeito a sua biografia, afinal “as fontes ocidentais eram contraditórias, inclusive sobre o seu paradeiro e o que estava fazendo na época”, afirma (*op. cit.*). Diante disso, Schnaiderman ficou até surpreso quando fora visitar uma aldeia de escritores próxima de Moscou, em Peredelkino, e seu guia, o semiótico soviético V.V. Ivanov, convidou-o para fazerem uma visita a Bakhtin. Nesta aldeia, havia um “edifício bastante convencional e um tanto sombrio”, que era, então, a “residência de verão dos escritores sem família”. E em um “quarto de tamanho médio, repleto de livros e papéis”, estava Bakhtin, deitado na cama. Dando continuidade à narração, o professor relembra desse “homem pequeno, encolhido, de cabeça que parecia bem grande, talvez por causa do corpo quase completamente oculto pelo cobertor”.

No encontro com Bakhtin, Schnaiderman lembra também que Bakhtin pegou um livro azul e encadernado para mostrar a V.V. Ivanov. Era uma “edição em fac-símile de obras em prosa do poeta simbolista Viatchesláv Ivanov, que saíra na Bélgica e alguém lhe dera”. E continua sua leitura sobre como Bakhtin estava encantado, naquele momento: “seus olhos, que me pareceram pequenos, brilhavam de alegria, como se estivesse descobrindo algo que procurara muito”.





A conversa entre Boris e Bakhtin foi bem curta. O tempo para as apresentações e algumas outras poucas palavras. Boris (*loc. cit.*) avalia sua posição nesta interlocução, com a certa exotopia temporal: “Ia dizer o quê? Não tinha a menor ideia do que representavam aqueles papéis que eu via espalhados pelo quarto, misturados com edições de Bakhtin em diferentes línguas”. Com o passar dos anos, Boris Schnaiderman não apenas entendeu-o, como também foi capaz de dizer a sua palavra, única e singular, sobre os estudos bakhtinianos, o que foi fundamental para introdução dos pressupostos teóricos e metodológicos formulados pelo Círculo de Bakhtin.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, exploramos dimensões de Bakhtin pouco debatidas no meio acadêmico. Centramos as reflexões em fatos atrelados a recepção da perspectiva bakhtiniana no Brasil. Para melhor contextualizar a introdução do contexto brasileiro, abordamos, de maneira geral, a divulgação dos estudos do pensador russo na Rússia e no ocidente. Também discutimos elementos biográficos desse estudioso. Entendemos, com Bubnova (2016), que tão importante quanto estudar a abordagem de Bakhtin, é conhecer o que se diz sobre ele.

Nessa recepção de estudos de Bakhtin, Boris Schnaiderman foi, sem dúvida, um dos precursores dos estudos bakhtinianos no Brasil, além de difundi-lo amplamente em suas publicações e aulas ministradas. Schnaiderman foi uma das vozes contra-hegemônicas que, ao enfrentar a voz monológica do poder opressor, não apenas durante a ditadura, mas depois dela, continuou trabalhando, com entusiasmo, a partir da perspectiva de Bakhtin. Nesse contexto, portanto, Schnaiderman difundiu os estudos bakhtinianos no país, ampliando, com sua leitura, os escritos do pensador russo.

Como afirma Geraldi (2010, p. 14), estudar Bakhtin requer, em alguma medida, “coragem de dizer a sua palavra sobre o que estudou para





enriquecer com sua resposta” outros tantos dizeres. Dentre essa dialogicidade de discursos, está, além da voz de Boris Schnaiderman, outros importantes estudiosos, como Geraldi, Faraco, Brait e outros que também traçam seus caminhos de leituras. Outras vozes dizem a sua palavra, como a minha e a sua, que nos encontramos aqui, neste dossiê, construindo sentidos, ampliando o Círculo de Bakhtin.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo - Conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. Tradução de Daniela Miotello Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

BUBNOVA, T. **Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas**. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João, 2016.

CLARK, K; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DIAS, A. B. F. et al. [Entrevista com João Wanderley Gearldi]. Uma palavra outra sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade: uma conversa com João Wanderley Geraldi. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Questões de cultura e contemporaneidade: um olhar oblíquo de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 21-38.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A; TEZZA, G, de C. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001. p.112-126.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). Para uma geografia de Bakhtin. IN: GEGe. **Palavras e Contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin**. Cadernos de Estudos II. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 58-66.

GERALDI, J. W. **Ancoragens** - Estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ORNELLAS, C. A. Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. **Revista de estudos literários**, Madri, n. 43, n.p. [não paginado], 2010. Disponível em:

<<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero43/brabaj.html>>. Acesso em 20 jul. 2016.

PONZIO, A. Epílogo - Venturosa Babel. IN: PONZIO, A. **Encontro de**





**palavras.** O outro no discurso. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello *et. al.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 147-153.

PONZIO, A. Prefácio. O símbolo e o encontro com o outro na obra de Bakhtin. In: BAKHTIN, M; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo - Conversas de 1973 com Viktor Duvakin.** Tradução de Daniela Miotello Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 09-20.

SCHNAIDERMAN, B. **Turbilhão e semente.** São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SCHNAIDERMAN, B. Bakhtin 40 Graus (Uma experiência brasileira). In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p. 13-21.

TURBIN, V. N. Y tráigannos mantequilla y azúcar (Dos cartas inéditas de M. M. Bajtín: publicación e comentários). **Escritos**, Revista del Centro del Lenguaje, n. 15-16. p. 51-58, 1997.

Recebido em 29 de março de 2017

Aprovado em 20 de maio de 2017

